

O ACHAMENTO DA MEMÓRIA

Se ainda nesta noite te findares
pensa em mim, doce amiga ao te encontrares
no outro pórtico, no outro pouso, na outra hora
como um traço de cinza entre a sombra e entre a luz;
não se turvem teus olhos tão serenos,
nem se toldem de lágrimas amargas,
E se acaso voltares, doce amiga
encontrar-me-ás buscando-te e escutando
nas conchas tua fala refugiada
agora e sempre e para sempre a mesma.
E se voltando vieres esquecida
dos seres que deixaste nesta vida,
dos meus gestos, e não me reconheceres
ao me vires passar como estrangeiro,
não ficarei nem triste nem indeciso.
Mas se ao voltares com a face tão mudada
que não sejam os mesmos os teus lábios
nem teus olhos os mesmos, sejas outra;
e os procurares debalde como louca
onde acaso ficaram dissipados,
volta a procurá-los nos meus olhos
secos lagos parados sequiosos
que apesar de estanques e sem brilho
guardam teus olhos marejados.
E se acaso vieres desdobrada
e repartida em vidas agoniadas
transformada a todos os instantes
em seres ignorados e distantes,
deixa que te recomponha doce amiga
nos olhos que na terra tu geraste
em teus filhos talvez nas faces vivas
espreitando detrás das faces mortas.